

# Marcas do Mar

Ensaio fotográfico sobre as siglas poveiras, a memória e a identidade marítima da Póvoa de Varzim

Rodrigo Braga



---

## PROJETO INTEGRADO

LICENCIATURA EM MULTIMÉDIA

INSTITUTO POLITÉCNICO DE GESTÃO E TECNOLOGIA

2025/2026

---

41° 22' 58" N

8° 45' 46" O

PÓVOA DE VARZIM

PORTUGAL

1.

# Introdução

**Marcas do Mar** é um ensaio fotográfico sobre as siglas poveiras e a sua presença na identidade visual da Póvoa de Varzim. Mais do que registar símbolos antigos, procura revelar vestígios de uma cultura ligada ao mar, à família, ao trabalho e à memória coletiva. Apesar da simplicidade gráfica, estas marcas representam a ligação entre a comunidade piscatória e o território.

Durante muito tempo, as siglas foram usadas pelos pescadores poveiros para identificar objetos pessoais, utensílios de pesca e embarcações. Além da função prática, simbolizavam pertença e representavam famílias, gerações e modos de vida transmitidos na comunidade (Arnoni & Barreto, 2017; Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, s.d.). Hoje, ultrapassam o contexto da pesca e integram o património cultural e visual da cidade, estando presentes em espaços urbanos, objetos e referências culturais (Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, s.d.).

O título **Marcas do Mar** refere-se às marcas deixadas pela comunidade piscatória e à influência do mar na identidade da Póvoa de Varzim. Através da fotografia, o projeto procura registar e interpretar estes vestígios, mostrando como uma marca simples pode transmitir história, identidade e pertença.



— Siglas poveiras pintadas em painel de azulejos. Av. dos Descobrimentos, 2026.

CÂMARA	Sony A7 III
DISTÂNCIA FOCAL	35 mm
EXPOSIÇÃO	1/2000 f/2,2 ISO 100

2.

# História e Cultura

As siglas poveiras fazem parte da cultura marítima da Póvoa de Varzim e da vida da comunidade piscatória. Durante gerações, foram usadas como sistema de identificação para assinalar redes, barcos, utensílios de trabalho e outros bens ligados ao mar (Santos Graça, 1932; Arnoni & Barreto, 2017).

Estas marcas tinham também um valor familiar e social. Cada sigla podia representar uma família e era transmitida de pais para filhos, funcionando como sinal de pertença, herança e reconhecimento dentro da comunidade (Santos Graça, 1932).

O estudo das siglas deve muito a António dos Santos Graça, figura central na preservação da cultura poveira. Proveniente da classe piscatória, publicou em 1932 a obra *O Poveiro*, uma referência para o conhecimento dos usos e tradições da comunidade (MatrizPCI, s.d.; Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, s.d.).

Com o tempo, as siglas perderam parte da sua função prática, mas ganharam importância como património cultural. Atualmente, continuam associadas à identidade local e à valorização das tradições poveiras (Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, s.d.).



Siglas poveiras na fachada de um café.  
R. Latino Coelho, 2026.

CÂMARA	Sony A7 III
DISTÂNCIA FOCAL	35 mm
EXPOSIÇÃO	1/2000 f/1,8 ISO 100

3.

# Siglas e Memória

As siglas poveiras são frequentemente associadas às runas pela sua aparência gráfica, feita de linhas simples e formas geométricas. Contudo, essa relação não é consensual. Mais importante do que determinar uma origem única é compreender o uso que a comunidade poveira deu a estes sinais no quotidiano (Santos Graça, 1932; Frade, 2024).

António dos Santos Graça descreveu-as como uma “escrita do Poveiro”: um sistema visual que identificava objetos, famílias e pertenças. Algumas siglas inspiravam-se em elementos como o arpão, a lanchinha, o pé-de-galinha ou a grade, refletindo a ligação ao universo marítimo da Póvoa de Varzim (Santos Graça, 1932).

Neste ensaio, as siglas são entendidas como memória visual. Embora já não tenham a mesma função prática, continuam a representar identidade e património. A sua presença em espaços urbanos, objetos e referências culturais mostra a sua permanência como herança coletiva (Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, s.d.).

O interesse fotográfico deste trabalho não está apenas na forma das siglas, mas no que elas ainda comunicam. Cada marca pode ser vista como um vestígio de famílias, profissões, da cidade e da sua antiga relação com o mar.



— Monumento a António dos Santos Graça.  
Av. Santos Graça, 2026.

CÂMARA	Sony A7 III
DISTÂNCIA FOCAL	35 mm
EXPOSIÇÃO	1/2000 f/1,8 ISO 50

4.

# Processo Criativo

O processo criativo deste ensaio começou com a questão de perceber se a ligação entre a Póvoa de Varzim e as siglas poveiras ainda se mantém ou se caiu no esquecimento. A partir daí, o projeto tornou-se numa procura visual pela cidade, procurando identificar onde estas marcas ainda aparecem e como são reconhecidas.

A investigação baseou-se na observação do espaço urbano, com atenção às ruas, aos objetos e aos elementos ligados ao mar. Ao falar com pessoas mais antigas, tornou-se evidente que os vestígios originais são hoje raros. O que permanece visível são sobretudo representações recentes, criadas como homenagem ou valorização da identidade poveira.

Estas representações surgem em placas de rua, barracas de praia, alguns barcos, padrões de calçada e outros elementos urbanos. Embora não sejam marcas antigas, continuam relevantes por mostrarem que as siglas ainda fazem parte da imagem da cidade. A fotografia surge, assim, como forma de registar essa presença e de refletir sobre a relação entre memória, património e representação.

Mais do que procurar sinais antigos, este ensaio procura compreender o que resta desta linguagem visual no presente, explorando a tensão entre o seu uso quotidiano no passado e o seu papel atual como símbolo e memória.



Runas poveiras na calçada portuguesa.  
Passeio Alegre, 2026.

CÂMARA	Sony A7 III
DISTÂNCIA FOCAL	35 mm
EXPOSIÇÃO	1/2000 f/4,0 ISO 100

5.

# Fotografia

A abordagem fotográfica deste ensaio partiu da observação da zona litoral da Póvoa de Varzim, junto ao mar, procurando marcas e representações das siglas em locais ligados à identidade marítima da cidade.

As fotografias foram realizadas com uma Sony A7 III e uma objetiva 35mm f/1.8, privilegiando uma abordagem próxima e natural. A maioria das imagens foca detalhes, texturas e representações das siglas, complementadas por alguns planos mais abertos para contextualizar o espaço e a relação com o mar.

O foco esteve na presença das siglas na cidade e na sua relação com a memória, procurando perceber se ainda fazem parte da vivência local ou se permanecem apenas como símbolos visuais. As fotografias foram captadas em formato RAW durante a tarde e editadas com cortes e ajustes de cor e luz, criando uma estética ligeiramente vintage associada à memória e à passagem do tempo.

O processo revelou poucos vestígios originais das siglas poveiras no espaço público. Atualmente, surgem sobretudo como representações recentes e homenagens à identidade local. Esta constatação tornou-se central no ensaio, mostrando que as siglas permanecem presentes, mas muitas vezes mais como símbolo turístico do que como linguagem viva da comunidade.



Barco "Fé em Deus" com siglas poveiras pintadas. Marina da Póvoa de Varzim, 2026.

CÂMARA	Sony A7 III
DISTÂNCIA FOCAL	70 mm
EXPOSIÇÃO	1/1000 f/5,6 ISO 100

O mar não escreve em papel. Escreve em marcas.



6.

# Seleção de Fotografias



Fig. 01

Fachada de uma habitação com siglas poveiras gravadas.

R. António Graça, 2026.

Fig. 02

Fachada de uma habitação com siglas poveiras gravadas.



Fig. 03

Fachada de uma habitação com siglas poveiras gravadas.



6.

# Seleção de Fotografias



Fig. 04

Barco 'Fé em Deus' com siglas poveiras pintadas.

Marina da Póvoa de Varzim, 2026.

Fig. 05

Barco 'Fé em Deus' com siglas poveiras pintadas.

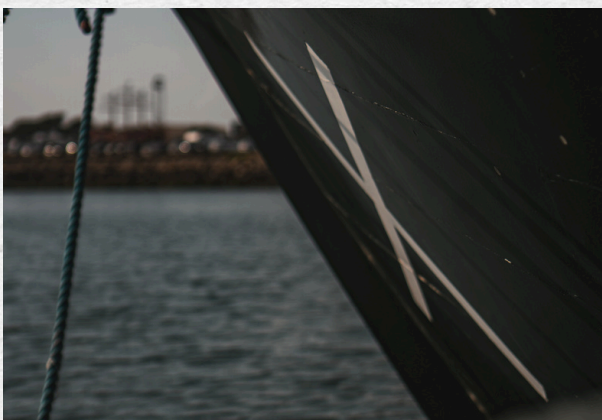


Fig. 06

Barco 'Fé em Deus' com siglas poveiras pintadas.



6.

# Seleção de Fotografias



Fig. 07

Siglas gravadas em barracas de praia.

Av. dos Banhos, 2026.

Fig. 08

Siglas pintadas em painel de azulejos.



Fig. 09

Azulejo emoldurado numa barraca de praia com siglas pintadas.



Cada sigla é uma família gravada no tempo.



7.

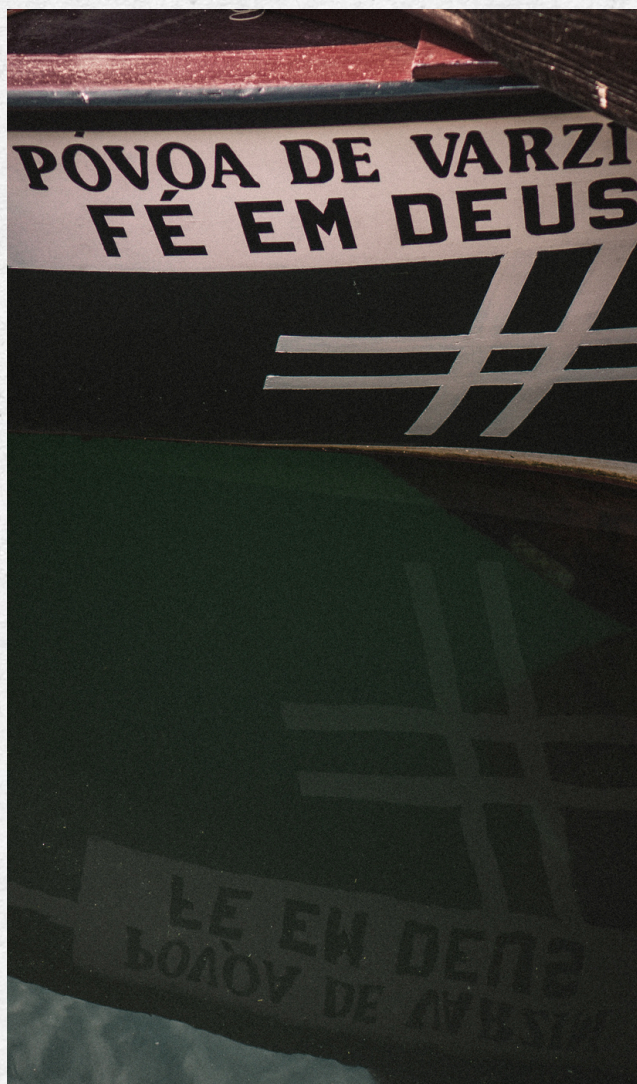
# Análise Visual

A análise visual centra-se na relação entre forma, cor, textura e memória. As fotografias mostram as siglas poveiras integradas no espaço urbano e marítimo da Póvoa de Varzim, surgindo em placas, barcos, padrões e outras estruturas. A sua presença atual reforça o seu valor simbólico e patrimonial.

A edição utiliza uma estética ligeiramente vintage, com tons quentes e suaves, associando as imagens à memória e à passagem do tempo. As cores do mar, da pedra e da madeira ajudam a ligar o passado piscatório da cidade à sua identidade atual.

As siglas destacam-se pelas suas formas simples e geométricas, que as tornam visualmente fortes e facilmente reconhecíveis. As texturas de madeira, pedra, metal e calçada reforçam a ideia de permanência, vestígio e memória.

No conjunto, as fotografias mostram que as siglas poveiras continuam presentes na cidade, sobretudo como símbolo cultural, turístico e identitário, mais do que como uma linguagem usada no quotidiano da comunidade.



Barco "Fé em Deus" com siglas poveiras pintadas. Marina da Póvoa de Varzim, 2026.

CÂMARA	Sony A7 III
DISTÂNCIA FOCAL	35 mm
EXPOSIÇÃO	1/1000 f/2,2 ISO 100

8.

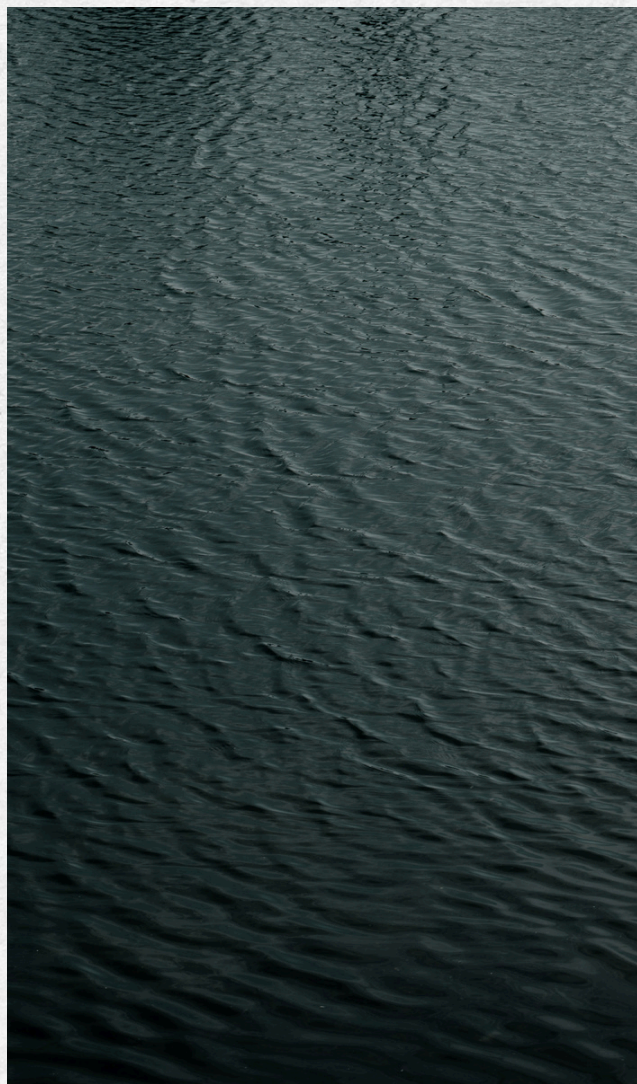
# Conclusão

Este ensaio permitiu perceber que as siglas poveiras continuam presentes na Póvoa de Varzim, mas de uma forma diferente daquela que tiveram no passado. Já não surgem como uma linguagem usada no quotidiano da comunidade piscatória, mas como símbolos recuperados pela cidade através de placas, padrões, barcos, elementos decorativos e referências visuais.

Ao longo do processo, tornou-se evidente uma mistura entre valorização e perda. Por um lado, é positivo que estas marcas ainda sejam usadas como sinal de identidade local. Por outro, a sua presença parece muitas vezes superficial, porque nem sempre é acompanhada de explicação, contexto ou ligação real à sua origem. Assim, as siglas permanecem visíveis, mas nem sempre são verdadeiramente compreendidas.

Através da fotografia, procurei criar uma reflexão sobre essa distância entre memória e esquecimento. As imagens procuram transmitir nostalgia, ligação à cidade e, ao mesmo tempo, uma crítica à forma como certos elementos culturais podem ser transformados apenas em símbolos visuais ou turísticos.

As siglas poveiras deveriam estar mais presentes e ser mais explicadas à população e aos visitantes. Só assim poderiam deixar de ser apenas marcas decorativas e voltar a ser reconhecidas como parte importante da história, da identidade marítima e da memória coletiva da Póvoa de Varzim.



— A aparente serenidade do mar poveiro.  
Marina da Póvoa de Varzim, 2026.

CÂMARA	Sony A7 III
DISTÂNCIA FOCAL	35 mm
EXPOSIÇÃO	1/2000 f/2,5 ISO 100

## 9.

# Referências

Arnoni, R., & Barreto, S. (2017). Estudo comparativo entre as siglas poveiras de Póvoa de Varzim/Portugal e as marcas de gado do sertão nordestino/Brasil: Aproximações e distinções na construção dos padrões gráficos e transmissão hereditária. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 15(34).

<https://www.redalyc.org/pdf/6317/631770206002.pdf>

Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. (s.d.). Siglas poveiras [Folheto]. [https://www.cm-pvarzim.pt/content/uploads/2020/10/folheto-siglas-poveiras\\_web.pdf](https://www.cm-pvarzim.pt/content/uploads/2020/10/folheto-siglas-poveiras_web.pdf)

Frade, R. B. (2024, 3 de abril). Siglas Poveiras. Portugal Num Mapa.

<https://www.portugalnummapa.com/siglas-poveiras/>

MatrizPCI. (s.d.). Santos Graça, António. Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. <https://matrizpci.patrimoniocultural.gov.pt/pt-PT/RecursosSearch/PesquisaInvestigadores?IdEntidade=420>

Santos Graça, A. (1992). *O Poveiro: Usos, costumes, tradições, lendas* (Obra original publicada em 1932). Etnográfica Press.

<https://books.openedition.org/etnograficapress/3876>